

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

Os Primeiros Jesuítas e o Trabalho Missionário No Brasil

Breno Machado dos Santos
Graduando - UFJF

RESUMO: A proposta deste artigo é analisar as missões jesuíticas no Brasil quinhentista, tentando questionar uma postura historiográfica que encara o trabalho de catequese de forma negativa. Baseando em estudos que analisam o encontro entre a Europa e a América como gerador de um processo que promoveu trocas entre distintos valores culturais, acreditamos que o trabalho missionário desenvolvido pelos jesuítas possibilitou aos nativos o primeiro passo para a realização de uma integração progressiva à sociedade colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Jesuítas, Catequese, Missões.

INTRODUÇÃO

Passados mais de quinhentos anos após a chegada da frota de Pedro Álvares Cabral no território inicialmente batizado como *Terra de Santa Cruz*,¹ acreditamos não estarem ainda esgotados os debates historiográficos a respeito do primeiro século de colonização portuguesa no “Novo Mundo”. Assim, a proposta do presente artigo é analisar o trabalho de catequese indígena desenvolvido pelos jesuítas tentando questionar uma postura apresentada por uma significativa bibliografia, que encara o trabalho missionário sob diversos aspectos de maneira negativa, enfatizando o espírito de corpo e os métodos maquiavélicos desenvolvidos pela Companhia de Jesus.

Este trabalho se mostra relacionado com uma abordagem que analisa o encontro entre a Europa e o “Novo Mundo” como gerador de um processo de mão-dupla, onde ocorreram trocas entre distintos valores culturais, e não simplesmente a imposição dos valores europeus e cristãos representados fortemente no Brasil pela idéia da “pólicia cristã”². Além disso, temos

¹ GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A primeira história do Brasil: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

² Termo usado naquela época denotando o conjunto de costumes morais dos cristãos europeus.(Ver: EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.).

que nos aproximar de um quadro teórico e metodológico que enxerga a Companhia de Jesus como uma ordem plural, no interior da qual conviviam personalidades defensoras de posições distintas.

OS PRINCIPAIS MINISTÉRIOS DA ORDEM JESUÍTICA

Ao pensarmos em qualquer forma de ação de uma das distintas ordens religiosas existentes no século XVI, *a priori*, sabemos que a maneira de atuar destes religiosos está subordinada a uma diretriz política estabelecida, formando um espírito de corpo dentro da instituição. O fato de a Europa estar vivenciando neste período o momento das Reformas religiosas – com a radicalização por parte de católicos e protestantes - só vem a dar sustentação a tal raciocínio. No entanto, é necessário investigarmos até que ponto isso de fato ocorre. Nos limitamos aqui a análise desse fenômeno na então recém surgida Companhia de Jesus.

Tendo como principal propósito “a propagação da fé e o progresso das almas na vida e doutrinas cristãs”³ a ordem dos jesuítas, fundada em setembro de 1540 por Inácio de Loyola, inicialmente baseava suas atividades no ministério de Jesus e de seus discípulos, ou seja, o ideal apostólico (*vita apostólica*) exemplificado no Novo Testamento. Desta forma, surgia um aspecto completamente novo nas ordens religiosas da história do cristianismo⁴, essencial para compreendermos o embate travado quanto às diretrizes do trabalho de catequese e também para uma melhor caracterização dos grupos ligados a tal polêmica.

O principal fator desencadeador de uma crise de caráter pessoal dentro da ordem é a proliferação dos colégios, que se dá a partir da segunda década de existência da Companhia de Jesus. Inácio de Loyola não via as escolas como incompatíveis com sua visão original, pois a princípio serviriam apenas como domicílio para os missionários.⁵ No entanto, um caso particular ocorrido em Gandia em meados de 1544, repercutiria seriamente no futuro da Companhia. Sendo chamados a ensinar em um local onde não havia universidades, os jesuítas ficaram encarregados de toda instrução atendendo ao pedido do Duque Francisco Borja para ensinar publicamente. Devido à experiência citada acima, a necessidade de educação em várias localidades na Europa e a falta de um corpo docente bem preparado para instruir a

³ O'MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS; Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2004, p. 39.

⁴ Ibid., p. 109-110.

⁵ Ibid., p. 315.

população, o número de colégios aumentava consideravelmente.⁶ As escolas serviam como verdadeiros instrumentos de caridade, possibilitando um estudo qualificado e gratuito para leigos ou clérigos pertencentes às diversas camadas sociais. Porém, apesar do ideal edificante, o crescimento dos colégios proporcionou a criação de espaços para críticas severas destinadas à Companhia, provenientes da própria ordem.

A principal questão girava em torno do fato de as *Constituições* estipularem como principal característica do instituto os membros estarem desimpedidos para se locomoverem a qualquer parte do mundo. Como nos mostra o historiador jesuíta John O' Malley em sua obra intitulada *Os Primeiros Jesuítas*, “a tensão entre a insistência contínua sobre a necessidade da mobilidade e o compromisso a longo prazo requerido pelos colégios permaneceria através da história dos jesuítas”.⁷

Além de serem acusados de contribuírem para a perda do espírito verdadeiro da Companhia, os escolásticos ainda eram os responsáveis pela transformação no voto de pobreza devido ao fato de tornarem-se proprietários em larga escala de grandes estabelecimentos e também quanto ao desvio no devotamento das energias.

Os escolásticos haviam se acostumado a delicadezas na alimentação e vestimentas e mostrado favoritismo no tratamento dos estudantes e manifestavam pouco interesse em ensinar, eram áridos nas coisas do espírito e sonhavam com a honra de uma cátedra.⁸

A partir desta pequena exposição sobre a crise enfrentada pela Companhia de Jesus em suas primeiras décadas de existência, é possível vislumbrar a existência de duas correntes portadoras de ideais distintos quanto às diretrizes dos ministérios, sendo este fato gerador de reflexos importantes no Brasil.

De forma muito semelhante às conclusões do John W. O' Malley, que analisa minuciosamente a polêmica gerada pelas fundações dos colégios na Europa⁹, José Eisenberg, um autor não jesuítico, aponta para esta questão em sua obra intitulada *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*.¹⁰ Este historiador identifica a presença de duas gerações distintas de missionários nas primeiras décadas da colônia. Na primeira geração encontram-se os primeiros membros da Companhia de Jesus chegados ao Brasil a partir de 1549. Já a

⁶ O'MALLEY, John W. *As Escolas*. In: *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS; Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2004.

⁷ O'MALLEY, John W. op. cit, p. 373.

⁸ Ibid., p. 356.

⁹ O' Malley chega a afirmar no capítulo de conclusão do livro “Os Primeiros Jesuítas”, que devido as grandes distorções implantadas pelas gerações subseqüentes, os primeiros jesuítas já não poderiam mais ser considerados como tal. P. 562.

¹⁰ EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

segunda geração de jesuítas surge a partir da década de 1560 como crescimento do número de colégios. De acordo com Eisenberg, os missionários que chegaram ao Brasil neste período interessavam-se mais pelos trabalhos nos povoados, preferindo cuidar da educação dos colonos a lidar com os nativos nas aldeias.¹¹

O “MODO DE PROCEDER” NA COLÔNIA

A partir do estudo mencionado acima, reconhecemos haver, principalmente após a década de 1560, duas posturas distintas quanto às diretrizes do trabalho missionário jesuítico: de um lado as aldeias e de outro os colégios. Nossa intenção é analisar o trabalho de catequese indígena desenvolvido em um período que se estende desde a chegada dos primeiros membros da Companhia de Jesus, em 1549, até a morte do padre Manuel da Nóbrega, líder e expoente máximo na defesa dos trabalhos de conversão, em 1567. Acreditamos que um enfoque que explique a diligência da então denominada “primeira geração” de jesuítas para com os gentios, pode oferecer uma interpretação alternativa àquela da corrente historiográfica que procura vilipendiar o trabalho missionário.

O primeiro grupo de missionários desembarcou na cidade de Salvador, na Bahia, em 1549, acompanhando a armada que trazia o primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Sousa. Designados para converter os pagãos da terra a fé cristã, os membros da Companhia de Jesus encontrariam demasiadas dificuldades para tal empreendimento. Nos primeiros anos das missões, são vários os obstáculos encontrados à conversão. Entre eles podemos citar a inconstância dos Brasis que pouco tempo após terem recebido os ensinamentos cristãos voltavam a viver de acordo com seus costumes “pecaminosos”; ¹² o exemplo dado pelos colonos e o tratamento destes para com os indígenas; ¹³ e por fim, a corrupção do clero secular.¹⁴ Os problemas não param por aí. Após a implementação das Aldeias, um número pequeno de missionários jesuítas teria que se preocupar com os perigos de um extenso território hostil, a fim de convencer grupos indígenas a transferir-se para estas propriedades. Segundo a visão jesuítica, a natureza tropical teria sido abandonada por Deus e por isso era

¹¹ Ibid., p.131.

¹² ANCHIETA, José. Carta ao Padre Geral (!550). In: *Cronistas do Descobrimento*. Antônio Carlos de Olivieri & Marco Antônio Villa (org.). Ed. Ática: São Paulo, 2000.

¹³ NÓBREGA, Manuel da. Carta ao Padre Mestre Simão Rodrigues de Azevedo. In: *Cronistas do Descobrimento*. Antônio Carlos de Olivieri & Marco Antônio Villa (org.). Ed. Ática: São Paulo, 2000.

¹⁴ MACHADO, Alcântara. Vida e Morte do Bandeirante. In: SANTIAGO, Silviano (org.). *Interpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3v, v. 1.

encarada como um local misterioso, temível, passível de ser a morada do Diabo.¹⁵ Além disso, são muitos os relatos que apontam as necessidades pelas quais passavam os padres devido à falta de recursos como roupas, calçados e alimentos.¹⁶ Todos esses fatores permitem-nos dar credibilidade às intenções dos inacianos.

No presente artigo, esperamos não assumir de forma tão inocente a defesa dos missionários jesuítas deixando de considerar que os esforços despendidos por estes assumiam um caráter paternalista e um sentido mal orientado de superioridade cultural européia. Porém, este empenho não era realizado sem algum senso de reciprocidade em relação aos indígenas.

Como afirma Gilberto Freyre em sua consagrada obra *Casa-Grande e Senzala* a colonização do Brasil caminhou singularmente para o hibridismo. "Os portugueses eram menos ardentes na ortodoxia que os espanhóis e menos estritos que os ingleses nos preconceitos de cor e de moral cristã".¹⁷ E isso se reflete no aspecto religioso representado pelo sistema jesuítico, mesmo sendo este a principal força de europeização e de conduta ética e intelectual presente no Brasil. Um exemplo disso é a moral sexual indígena flexibilizando as leis matrimoniais da Igreja quanto aos impedimentos de sangue e a tolerância de alguns costumes tupis nos ritos de uma missa católica. O primeiro Bispo do Brasil, Pedro Fernandes Sardinha, em uma carta ao reitor da escola de S. Antão em Lisboa, chega mesmo a se queixar das táticas adaptativas e tolerantes dos irmãos da Companhia de Jesus.¹⁸ A missão representa a vontade de inserção da religiosidade católica em laços maiores, profanos, sociais.¹⁹ Porém, essa abertura passa a utilizar elementos culturais não-cristãos em várias situações como no teatro e nas confissões, e ao se preocupar com os aspectos públicos dos cultos promove uma maior integração da sociedade que contribui com elementos culturais próprios em tais espaços.

Sérgio Buarque de Holanda em *Monções* mostra que a sociedade paulista possui uma peculiaridade em relação aos núcleos desenvolvidos na costa brasileira devido a incessante necessidade de movimento a fim de suprir suas carências. Sendo assim, o desenvolvimento ocorrido nessa região, estando dentro de padrões mais acentuados de liberdade, teria gerado adaptações às condições específicas do "Novo Mundo" que acabavam fomentando um

¹⁵ NEVES, Luis Felipe Baêta. *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978. p. 40-41.

¹⁶ VASCONCELOS, P. Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997. 2v.

¹⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. In: SANTIAGO, Silviano(org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 228. 3v, v. 2.

Ronaldo Vainfas também explora a questão das diferentes formas de tratamento dos indígenas ocorridos na colônia espanhola e na portuguesa.(Ver: VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.)

¹⁸ EISENBERG, José. op. cit, p. 77.

¹⁹ NEVES, Luiz Felipe Baêta. op. cit, p. 27.

retrocesso a padrões primitivos ou rudes. Ora, podemos nos apropriar das conclusões tiradas pelo autor e fazer uma analogia entre esta sociedade e o modo de proceder jesuítico. São vários os exemplos em que encontramos a utilização de crendices herdadas da ciência medieval e também a apropriação de práticas indígenas a fim de combater diversos tipos de males, por colonos e por jesuítas.²⁰

O “modo de proceder” dos jesuítas tinha como uma de suas principais características a “flexibilidade” e não a rigidez. Xavier, em missão na Índia solicitava jesuítas que tratassesem o próximo de maneira afável e não como quem quer controla-lo.²¹ Outro elemento importante encontrado no “modo de proceder” jesuítico originado nos Exercícios Espirituais é a prudência. Por fim, é importante citar o exame de consciência diário ao qual todos jesuítas estavam obrigados. Todos esses fatores somados a perda de parte de suas referências a que estavam sujeitos os missionários, devido ao corte com os vínculos diretos estabelecidos com a terra natal e também às novas experiências que se surgem no “Novo Mundo”²², realçam a idéia que os jesuítas deviam realmente ter como seus principais ideais os preceitos básicos do cristianismo, ou seja, o amor ao próximo e a caridade.

CONCLUSÃO

Explicitados os fatores que nos proporcionaram o impulso inicial para o desenvolvimento de tal pesquisa, cabe agora fazer um breve balanço sobre a atuação dos missionários jesuítas da “primeira geração” viabilizando a realização da defesa contra os ataques mais comuns presentes em uma considerável produção historiográfica.

Acreditando já estar bastante definida a nossa posição frente à corrente que analisa as missões como um expoente máximo do caráter etnocentrista, passemos agora para o debate com aquela que encara a idéia de serem os trabalhos de catequese indígena os mecanismos ideológicos necessários para justificar a conquista e a colonização, sendo estes processos vinculados a Reforma Católica.²³ O historiador J. W. O’ Malley mostra que a Reforma não é encontrada em nenhum documento oficial da Companhia como objetivo dos inacianos. E quando termos equivalentes ocorriam nos escritos de alguns jesuítas estes apresentavam uma conotação distinta da empregada pelos bispos reunidos em Trento ou pelos prelados na cúria

²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²¹ O’MALLEY, John W. op. cit, p. 131.

²² GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.82.

²³ SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. op. cit.

romana. As transformações propostas limitavam-se aos indivíduos e não a instituição. Além disso, Inácio de Loyola aconselhava aos membros da ordem a assumirem um comportamento neutro frente aos assuntos em que os católicos estavam divididos, postura esta que rendeu muitas críticas aos jesuítas provenientes de outros grupos católicos.²⁴ Por fim, concordamos com uma interpretação historiográfica que enxerga como sendo o principal fator de interesse de Portugal pelo Brasil as magníficas vantagens econômicas que a exploração da colônia suscitava.²⁵

Uma outra crítica comum é sobre a questão do controle da mão-de-obra indígena pelos jesuítas.²⁶ Sendo o contato com os europeus quase que inevitável, os índios reduzidos às aldeias encontravam a proteção e o apoio necessário dos quais ficavam desprovidos nas matas. Por um lado, sujeito à escravização, o gentio ficaria em uma condição penosa. Por outro lado, relatos sobre a vida de grupos indígenas do “sertão” mostram que, mesmo fugindo para o interior, os nativos não escapavam de sérios problemas devido ao fato de não mais poderem se estabelecer por causa de ataques de colonos ou grupos inimigos causando uma situação de fome e penúria. Desta forma a Aldeia tornava-se talvez a melhor saída. Conviviam pacificamente com grupos rivais, tinham condições de plantar e cultivar alimentos, e, além disso, aprendiam vários ofícios cujo fruto de seus trabalhos ajudava na sobrevivência do grupo. Por fim, um elemento importante para refletirmos é o fato de um pequeno número de missionários fixarem centenas de habitantes indígenas em um espaço mantendo a ordem nas Aldeias. Como obrigá-los a permanecerem nas reduções? Existem muitos relatos de fugas em massa, como também há um grande número de registros sobre o sucesso missionário. Todos esses elementos nos induzem a considerar crível o respeito e confiança que os gentios tinham pelos padres missionários.²⁷

De acordo com a caracterização de Darcy Ribeiro, que enxerga três maneiras ou atitudes de se encarar o indígena, acreditamos ser a *etnocêntrica*, ou seja, a que enxerga o nativo como um ser vinculado à Natureza, a melhor alternativa para aquele momento, apesar desta postura defender a substituição de todas as características psíquicas e culturais indesejáveis como única forma de integrá-lo à sociedade. A segunda atitude seria a *romântica* e seus defensores acreditam que os índios devam ser preservados em reservas, isolados de todo o resto da sociedade, o que sabemos ser inviável, devido à rapidez com que se davam as

²⁴ O'MALLEY, John W. op. cit, p. 443-445.

²⁵ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 12. ed. São Paulo: editora Nacional, 1974.

²⁶ PAIVA, José Maria de. *Colonização e Catequese(1549-1600)*. São Paulo: Autores Associados:Cortez, 1982.

²⁷ VASCONCELOS, P. Simão de. op. cit.

entradas rumo ao interior.²⁸ Por último, temos a atitude *absenteísta* que considera inevitável o contato e a consequente desintegração das culturas tribais seguidas da extinção das etnias, sendo os remanescentes incorporados à camada pobre da sociedade.²⁹ Tomando essa caracterização de Darcy Ribeiro identificamos os trabalhos dos jesuítas da primeira geração como sendo mais próximos de uma atitude *etnocêntrica*, o que, porém, não diminui o mérito e as boas intenções dos inacianos, devido ao fato de termos que considerar a amplitude das transformações alcançadas, a experiência sem precedentes vivida no âmbito colonial e também o choque entre civilizações.

José Eisenber aponta a presença de um caráter coercitivo na carta redigida por Nóbrega, conhecida como *Plano Civilizador*, que descreve os métodos utilizados para o “descimento” dos nativos para as Aldeias.³⁰ Porém, essa questão talvez deva ser encarada de forma distinta à proposta pelo autor citado acima. Primeiramente, o fato de Nóbrega solicitar a intervenção das tropas coloniais era para sujeitar somente os indígenas considerados inimigos dos cristãos, ou seja, aqui o missionário jesuítá expõe os possíveis casos legítimos de guerra justa. Em um período em que a economia colonial passava por consideráveis mudanças devido à implantação das fazendas costeiras, tornava-se crescente a necessidade de mão-de-obra, sendo a principal saída para os colonos recorrer à escravidão ilegal do indígena. Talvez possamos pensar que os objetivos propostos por Nóbrega eram a última saída para evitar abusos piores aos índios. Em segundo lugar, Nóbrega talvez tenha percebido a necessidade de estabelecer um vínculo mais sólido com a Coroa a fim de conquistar maior apoio nos trabalhos missionários, principalmente em se tratando de recursos materiais. O caráter peculiar da produção intelectual neste período deixava clara a presença de alguma forma de engajamento, ou de prática de mercês. A partir daí, podemos compreender as várias vantagens apontadas pelo padre jesuítá suscitadas pelas missões, em que os principais beneficiários seriam a Coroa e os seus súditos envolvidos na aventura colonial. No entanto, não é a intervenção secular solicitada por Nóbrega o principal alvo de críticas de Eisenberg. O problema maior para este é a desarticulação das sociedades Tupi causada pela vida nas Aldeias, ou seja, a convivência com grupos inimigos, o banimento das crenças e costumes e a sujeição às mesmas leis estabelecidas para os colonos. Porém, a produção historiográfica tradicional antes de levantar uma série de acusações contra as ações da Companhia de Jesus talvez devesse considerar a capacidade de resistência cultural apresentada pelos povos indígenas. De acordo com Sérgio

²⁸ MONTEIRO, Jonh Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²⁹ RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁰ EISENBERG, José. op. cit.

Buarque de Holanda

Longe de representarem aglomerados unâimes e aluviais, sem defesa conta sugestões ou imposições externas, as sociedades, inclusive e sobretudo entre povos naturais, dispõem normalmente de forças seletivas que agem em benefício de sua unidade orgânica, preservando-as tanto quanto possível de tudo o que possa transformar essa unidade. Ou modificando as novas aquisições até ao ponto em que se integrem na estrutura tradicional.³¹

Nossa análise procurou expor que as acusações contra o trabalho missionário dos jesuítas no século XVI - devido ao fato de não perceberem a dimensão do problema - foram feitas na maioria das vezes de forma simplista, não reconstituindo a complexidade das intenções e práticas – ou as tensões entre elas - do empreendimento missionário desenvolvido pelos primeiros jesuítas. A fundação do sistema de Aldeias e o trabalho junto aos nativos mostraram, ao contrário das atitudes dos demais habitantes, uma obra de caridade realizada com muito com zelo, que ensejou aos indígenas a possibilidade de uma integração progressiva à sociedade colonial, abrandando os grandes danos que o choque cultural estavam causando aos grupos indígenas.

BIBLIOGRAFIA

- ANCHIETA, José de. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*(1554-1594). Alcântara Machado(Ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1933.
- ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. 7. ed. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1988.
- BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo*: da descoberta à conquista, uma experiência européia, 1442-1550. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- CARTAS AVULSAS(1550-1568). Coligidas e organizadas por Serafim Leite. Rio de Janeiro. Academia das Letras, 1931.
- EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*: encontros culturais, aventuras teóricas. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. In: SANTIAGO, Silviano(org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3v, v. 2.

³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. op. cit, p. 55.

- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 12. ed. São Paulo: editora Nacional, 1974.
- ÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A primeira história do Brasil*: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. In: SANTIAGO, Silviano(org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3v, v. 3.
- _____. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MACHADO, Alcântara. *Vida e Morte do Bandeirante*. In: SANTIAGO, Silviano(org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3v, v. 1.
- MONTEIRO, Jonh Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*: capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, IPEA, 2000.
- NEVES, Luiz Felipe Baeta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios (colonialismo e repressão cultural)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil(1549-1560)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.
- OLIVIERI, Antônio Carlos & VILLA, Marco Antonio(org). *Cronistas do Descobrimento*. Antônio Carlos de Olivieri & Marco Antônio Villa (org.).Ed. Ática: São Paulo, 2000.
- O'MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS; Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2004.
- PAIVA, José Maria de. *Colonização e Catequese(1549-1600)*. São Paulo: Autores Associados:Cortez,1982.
- RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa-Cruz: fetiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras,1986.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquição no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- _____. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1995.

VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1977. 2v.